

E agora, Josef K.?

Thiago Carneiro de Almeida (Mestrando UFRJ)

(...)
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

(“E agora, José?”, José Carlos Drummond de Andrade)

Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!
(Dante, *Comédia*, Inferno III)

_Existiria então esperança fora desse mundo
de aparências que conhecemos? Ele (Kafka) riu:
_há esperanças suficientes,
esperança
infinita_ mas não para nós.
(Kafka)

Parte I

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. (Kafka, *A Metamorfose*)

Despertar no mundo de Kafka não é o intercâmbio entre a linguagem do “real” e a do “sonho”, que produziria uma confluência no desdobramento dessas realidades. A realidade onírica não se entrega ao espaço da escrita, o jogo de falseamento proposto pelo transmutar do real em um sonho reflexivo não se constitui como linguagem. O sonho não determina a lógica pertencente ao texto. As distorções, as imagens não representam um pesadelo que se desprende do inconsciente de um ente. O choque de estar na realidade não é recusado por uma pré-lógica atenuante. Não há a incorporação do alívio, o estranhamento se

configura como instância determinante na relação estabelecida entre personagem e mundo. O incômodo surge e se determina como signo firmado nas tensões do texto.

Despertar no mundo de Kafka é um mal-estar.

Josef K. desperto em seu quarto não pôde assimilar como verdade as circunstâncias que constroem o dia de seu aniversário. Nada do que experimenta encontra um respaldo na ordem que o estabelece. Mas a primeira frase do romance já determinou o estranhamento que seguirá por todo o entrelaçamento das relações estabelecidas no texto:

*Alguém certamente havia caluniado Josef K. pois uma manhã ele foi detido sem ter feito mal algum.*¹

O antinaturalismo do tom, a desistência de anunciar de forma exacerbada o princípio de algo incomum confere a esse “incomum” um bem-estar que deixa de espantar. Essa linguagem parece se manifestar como uma doença que não se cura, que não pode se curar, que não quer se curar, que, ao invés de produzir uma repulsa diante da ferida aberta, atrai. A prosa de Kafka se estabelece sem um *Pathos*, isto é, impessoal, objetiva, afastada, linguagem protocolar, neutra de um *Pathos* romântico que aliviasse sua força. Nisto determina sua estranheza, seu poderoso efeito estético. Constantemente ocorre a perturbação diante de frases que são partes de um mecanismo maior que proferem sem interrupção: deciframe. Obscurecer e esconder o que realmente significa constituem a autoridade proveniente de seu texto. A necessidade de uma interpretação, um desejo quase morto.

Josef K., então, tenta se aproximar de significações que possam lhe fornecer um respaldo plausível para os fatos que desordenam a linearidade de sua vida de burguês. Tenta decifrar o mundo que se apresenta de forma incoerente com a coerência que lhe deu forma. O paradoxo determinante da primeira frase do livro produz uma não-aceitação que se projeta na personagem, que também

¹ Todas as citações de *O Processo* foram retiradas da tradução feita por Modesto Carone e entrarão no corpo do trabalho em itálico.

atacam o leitor. Ser detido deixa de incorporar em seu estatuto a limitação policial à liberdade de movimentos. Apesar do fato, é possível manter a ação de sua função: ir ao banco, isto é, manter em ordem a máquina social. A sociedade não pode se desorientar:

*_Como posso ir ao banco se estou detido?
Ah, sim disse o inspetor, que já estava perto da porta. O senhor me entendeu mal. É claro que o senhor está detido, mas isso não deve impedi-lo de exercer sua profissão. (p.20)*

Todavia, este fato professa uma ilógica que só pode ser considerada como verossímil se entendida como uma brincadeira dos amigos do banco:

(...) tudo podia ser uma brincadeira, uma brincadeira pesada, que os colegas de banco tinham organizado por motivos desconhecidos (p.10)

K. busca, então, justificar, com mecanismos da ordem que o configura, a inverossimilhança dos acontecimentos que surgem. A rotina se quebra. Não a rotina da sociedade, pois esta se mantém rígida em seus processos, mas a dele. Do único personagem que se espanta diante da normalidade apresentada.

O mundo parece errado, a ordem estranhamente incorporada pelo avesso. Os gestos e atitudes de K. não encontram a resposta no mundo. O desconhecimento do crime que cometera, o porquê e por quem teria sido denunciado não encontram um ente acusador. Parece não haver substância na acusação. A não-resposta, a não ciência torna-se signos determinantes das relações que ele estabelece com os guardas, com os homens que anunciam sua detenção. Eles não se identificam, não incorporam em si subjetividades nomináveis, e nem podem nomear a autoridade a que servem. Apresentação de um Poder presente e sem forma.

Violentado enquanto ainda se encontrava de pijamas, em sua privacidade, sem sua máscara social, sem as roupas que lhe dão certo diferencial na sociedade. Josef K., então, troca a roupa sob pedidos de subornos, enquanto tomam seu café da manhã. Guardas que parasitam a vida de K.. A reação da personagem parece infrutífera: exigir seus direitos, impondo sua posição social

não lhe dão garantias de entendimento sobre o que se sucede. Não obter respostas é mais uma forma de violência.

Cidadão consciente de seus direitos e deveres, K., inutilmente, insiste em esclarecimentos:

Terão de responder disse K. (p.11)

Tentar se aproximar de uma lei que não tem substância, que está em todos os lugares e em todas as pessoas. Ele observa de fora, pois não consegue compreender essa lógica. Lógica esta que não pode ser admitida em sua forma de estar no mundo. Não pode pertencer a essa nova concepção. Ele não pode se anular para deixar de ser para, assim, ser.

Como às suas convicções de cidadão poderia perturbar a possibilidade da interferência doutro tipo de lógica? Através da segurança de K., é a lógica do cidadão que se mostra confiante na existência do Estado de direito. Como ele _ ou seu leitor, mesmo o de agora_ poderia logicamente admitir a vigência doutro estado de coisas? (LIMA:1993, 101)

K. olha o mundo e não consegue se comunicar com ele. Todos parecem saber algo que só ele desconhece. E a lógica dele não encontra entendimento com nenhum indivíduo:

Decerto é assim disse a mulher, que não o havia entendido direito. (p.54)

Diante do que nos é apresentado, não é possível estabelecer um alívio, um esclarecimento que possa justificar o mundo para Josef K. Ele não compreende, o leitor não entende. Todos os conceitos são ruínas, todas as interpretações são insuficientes, o certo é tempo perdido, e o errado, possibilidade não última de denunciar o fracasso. O leitor (“Hipócrita leitor”, segundo Baudelaire) deve manter uma relação diferenciada com esse texto. O leitor antigo, o tradicional, é morto, sua hipocrisia não lhe confere tempo para a fuga. Diante desses escritos, ele é destruído, e os que não cedem à desintegração da matéria, os que não renascem

para uma visão diferente permanecem em suas incompreensões. Todavia, mesmo os renascidos são condenados a sofrerem eternamente a derrota pelo que lêem. Não há alternativas, todos os caminhos levam para uma total perdição. Porém nenhuma frase parece poder ser vencida, nenhuma delas pode morrer para liberar sua interpretação final. Segundo Adorno:

Os seus textos (Kafka) são dispostos de maneira a não manter uma distância constante com sua vítima, mas sim excitar de tal forma os seus sentimentos que ela deve temer que o narrado venha em sua direção, assim como as locomotivas avançam sobre o público na técnica tridimensional do cinema mais recente. (Adorno: 1998, 241)

Pode-se, então, como forma última de buscar um alívio, pensar que as palavras de Josef K. se tornaram realidade:

Alguém me disse_ não posso mais me lembrar quem foi_ que é maravilhoso o fato de que, quando se acorda de manhã cedo, ao menos em geral, encontra-se tudo no mesmo lugar que na noite anterior. No sono e no sonho, ao menos na aparência, a pessoa se acha num estado essencialmente diferente da vigília, e como aquele homem disse, com muita razão, é necessária uma infinita presença de espírito, ou melhor: presteza para, ao abrir os olhos, apreender tudo o que ali está, de certo modo, no mesmo lugar em que foi deixado ao anoitecer. Por isso, o instante do despertar é também o instante mais arriscado do dia; uma vez superado, sem que a pessoa tenha sido deslocada do seu lugar para algum outro, ela pode então passar tranqüila o dia inteiro. (p. 250)

Porém, não podemos eliminar o precioso fato de que tal passagem foi retirada do corpo do texto (especificamente da p. 17, linha 6; segundo Modesto Carone). Excluída para que não houvesse qualquer alívio de ele ter acordado em outro lugar e, desta maneira, ainda manter todo o impacto, o choque com o real. Não houve o deslocamento espacial ou temporal. Josef K. está acordado. O texto foge a essa forma de ser resolvido, pois “enquanto a palavra do enigma não for encontrada, o leitor permanece preso.”(ADORNO: 1998,241)

Diante disso, estabelece o labirinto-textual, um enigma indissolúvel, sem o fio de Teseu para indicar a saída, isto é, o êxtase do entendimento. O leitor

assume uma relação de desesperança com o texto, diante de caminhos que bifurcam em caminhos nenhuns. A linha de Teseu é cortada, e o labirinto se apresenta como centro do texto, enquanto o leitor, perdido, é devorado pelo minotauro da linguagem.

E agora, Josef K.?

Parte II

Quem era ele? Uma criança? Um sonho? Um salteador? Um suicida? Um tentador? Um exterminador? E virei-me para olhá-lo. _Uma ponte virar-se! Não chegara ainda a virar quando despenquei. (Kafka, "A Ponte")

A falta de um entendimento preciso resultou em diversas interpretações destoantes sobre a obra kafkiana. Assim, leituras que perceberam um caráter religioso, existencial ou, até mesmo, onírico da obra não são capazes de descobrir a saída do labirinto que se apresenta. São, na verdade, maneiras de aliviar o impacto da obra. O grande pesadelo para os críticos é compreender que Josef K. não está num sonho, mas na realidade, elevada a tal ponto que seu caráter de terrível parece natural. O mundo de Kafka é o "assim é". (ADORNO: 1998,241), ou seja, assim é a realidade.

O desentendimento por parte do leitor deve-se em apenas considerar o foco narrativo através da maneira como Josef K. interpreta e reage ao mundo. Tal fato se justifica pela aproximação entre a ordem que Josef K. professa e a do leitor, ambos crêem no rigor das Leis do Estado de direito. Todavia, se deslocarmos o foco narrativo e passarmos a analisar o mundo através dos olhos do próprio mundo em que Josef K. se digladiava, aceitamos como coerente o posicionamento unânime: Josef K. está louco, pois não se encontra assimilado à ordem estabelecida. Apesar de ainda acreditar na vigência dos valores que aprendeu.

Através da leitura da obra considerada pelo olhar de Josef K., o "leitor se deixa invadir pelo *pathos* do labirinto. Identificando-se com o protagonista, o leitor se defende considerando que o processo que o persegue nada tem a ver com a administração real da justiça" (LIMA:1993,117). O mundo, então, sustenta-se por

uma ilógica e significá-lo como a realidade parece uma atribuição impossível de ser admitida como verossímil. Porém, quem se encontra deslocado não é o mundo, mas Josef K., e por assimilação, o próprio leitor. A loucura do processo deixa de ser considerada como um elemento ilógico quando entendido de outra maneira. Há uma incapacidade de reconhecer o desnível entre suas expectativas, fundadas nos parâmetros de um Estado de direito, e a trama verdadeira que acomete a realidade.

Diante desta provocação, fica viável atravessar o mundo apresentado em *O Processo* para melhor entendermos essa “lógica”.

Parte III

O mundo das chancelarias e dos arquivos, das salas mofadas, escuras, decadentes, é o mundo de Kafka. (Walter Benjamin)

O mundo administrado define e determina todas as relações que se projetam. As mentes dos entes tornam-se tortuosas pela repetição alienante que vigora em todas as camadas sociais. O homem transforma-se numa duplicação sem sentido, uma alienação que renega a postulação de sentidos para objetivar a vida. Esta burocrática, regida por leis que subordinam o homem ao limite de negativizar sua existência. A realidade social se firma como o capitalismo enquanto mecanismo de dominação total:

O capitalismo é um sistema de relações de dependência, que vão do interior ao exterior, do exterior ao interior, de alto a baixo, de baixo ao alto. Tudo é hierarquizado, tudo está em ferros. O capitalismo é um estado do mundo, um estado da alma. (Palavras de Kafka citadas por Konder, 1967, 57/58)

Diante dessas regras que parasitam o mundo, os personagens de Kafka rastejam numa subjetividade sem sujeito (Adorno). A perda dos traços que vislumbram um sentido individual, a descoberta do horror que se processa debaixo de todo monumento que prega a cultura, marca, como um estigma, a decadência da própria individualidade. Entretanto, esse mundo se apresenta homogêneo em

seu processo de sufocamento, de compreensão total por meio de um trabalho de angústia do pequeno-burguês. Esse sistema possui uma lógica que não se desconecta. Todos os pólos de “ataque” são preenchidos da mesma maneira, uniformizando a máquina do Poder. Suas duas extremidades, o início e o fim, como em qualquer sistema, são desprovidas de sentido. Logo, o sujeito ausente de si é peça que se encaixa perfeitamente no todo, é um produto da máquina social.

Relatar esse golpe é uma violência de esclarecimento, o “assim é” permite que só o visível possa ser narrado, mesmo que nesse processo de decodificação em signos ele se torne estranho para quem o receba. Este fator se deve à retirada de qualquer ilusão que possa recobrir a realidade.

O próprio Kafka, para impedir esse mau costume, retirou de *O Processo* uma passagem decisiva, que tinha o caráter de um sonho (...) sublinhando assim que pelo contraste com este sonho todo o resto é confirmado como realidade. (ADORNO: 1998, 243)

O sujeito, na sua extrema consciência de si mesmo como entidade pensante, entende que seu pensamento e gestos são nulos. A alienação é absoluta em todos os seus campos, entregue, sempre, a uma existência da qual se desligou.

Conhecer-se é um gesto de desconhecer-se, opostos que se encontram para destruírem-se. Ao recusar um estatuto vigente desde tempos memoráveis da literatura, Kafka retira do espaço do literário a representação de uma próspera e homogênea subjetividade. A figura do eu não ocupa o centro do labirinto textual, o ente não se produz uno. Ter consciência de si é um período temporal em que o tempo se torna instante, “o absolutamente transitório, é uma parábola da eternidade do perecimento” (ADORNO: 1998, 254). Presente que se transmuta em gestos já realizados, numa mesmice e tédio que se coordenam e se formam. O “Eu” se estranha, porque o humano é pretexto para uma coisificação inconsciente. Homem é coisa, mas a coisa não é homem. As fronteiras são esfumaçantes, e a objetividade da escrita é prova de uma degradação. Viver em si é uma atitude de alienação diante do eternamente estranho: o mundo, a identidade do outro e o

próprio sujeito. Essa crise torna o sujeito duvidoso de sua própria existência. A subjetividade não pode ser narrada porque nesse mundo só o aparente tem o direito de tomar forma e esta é estranha para quem lê.

O realismo só pode ser expresso através de uma linguagem que decifre essa mesma realidade. Há um labirinto que se perscruta não como força mitificada, mas como uma doença. E aqui se encontra a realidade proveniente do século XX. Teseu é guiado através de uma linguagem cifrada, obscurecida, densa em imagens que parecem gerar mais enigmas. A saída desse labirinto se faz através de uma nova postura assumida por parte do leitor que deve encontrar o prazer proposto pela arte em sua dificuldade de decifração. Uma atitude ativa, de reflexão, para, assim, entender de forma mais profunda a realidade. Esta forma estética de apresentar o real não poderia ser manifesta de forma diferente. Enquanto na Idade Média, em Agostinho, a palavra era o canal por onde a alma quebrantada podia encontrar-se com o divino, maneira de limpar o homem. Em Rousseau, a palavra era pensada como força reveladora de uma natureza não subjugada pelo caráter hipócrita e conformista das convenções e autoridades de uma sociedade, logo, ela era reveladora das sujeiras de um sistema. Em Kafka, todavia, o signo perde a propriedade de purificar, carece de ilusões a vender. Desta forma, Kafka não se propõe a comercializar refúgios, mas apresenta uma crítica maior, por intensificar o estético, do que concebemos como o real. Por isso a dificuldade em penetrar nos textos do autor.

Vincular as figuras existentes no romance a abstrações é entendê-las pelo avesso. Representam, conforme são estabelecidas, seres humanos abstratos. Segundo Gunther (1969):

Entendemos, aqui, a palavra “abstrato” no seu sentido originário, tomado de *abs-trahere*: as pessoas que Kafka faz entrarem em cena são arrancadas da plenitude da existência humana. Muitas, de fato, não são outra coisa senão funções. (P.50)

Assim, a determinação da função torna esses homens realidade. A profissão, então, é a única possibilidade de existência do ente, que é engolido por ela, neutralizado.

(...)Fui empregado para espancar, por isso espanco (p.89)

O caráter absoluto da profissão nos permite conceituar o modo como o autor entende isso: “a profissão absurda revela, aqui, o absurdo da profissão em geral”.(GUNTHER:1969,51)

Porém, ter uma função, ser denominado funcionário do mundo, não é um direito para entender o papel desempenhado no todo do Poder. Ainda servindo-se de Gunther, todos são “divídiuos”, isto é, estão separados do mundo (1969,130). Sua permanência nessa sociedade surge aos pares, muitas vezes condicionados a reagir de forma imatura e quase “boba”:

Eles acenaram com a cabeça, sorridentes e pressurosos, como se estivessem esperado por isso o tempo todo, só que, quando K. esqueceu o chapéu, que havia ficado no quarto, eles correram juntos, um atrás do outro, para apanhá-lo, do que se podia deduzir um certo embaraço. (p.21)

Sobre este fato, Gunther afirma que isso apenas mostra que a individualização tornou-se difícil para qualquer espécie de homem.

A vida se mostra como uma não vida, viver, então, é a negação da vida num mundo burocrático, controlado. A vida se cumpre como constantes repetições. Logo, “quem vive é um prisioneiro negativo: não está preso por dentro, mas por fora”. (GUNTHER:1969,39)

Quando, ao ir para casa, passou outra vez pelo quarto de despejo, abriu-o como se fosse um hábito. Diante do que viu, ao invés da esperada escuridão, não soube o que pensar. Tudo estava como ele havia encontrado na noite anterior, no momento de abrir a porta. Os impressos e os teneiros logo atrás da soleira, o espancador com a vara, os guardas ainda completamente despidos (...) (p.92)

Entendemos que o artista é a imagem da libertação, símbolo humano da consciência liberada. Todavia, quando a arte se integra a um determinado sistema, ela se perde. Titurelli, o pintor, guarda em si a ambigüidade; de ser um artista e de estar vinculado à justiça como um funcionário dela. É ele quem melhor demonstra o absurdo do Poder:

Por certo que não li em nenhuma lei, apesar de que naturalmente tem que estar estabelecido ali que o inocente tenha que ser absolvido e, imediatamente não se estabelece nela que se possa influir sobre os juizes por meio de relações pessoais. Agora bem; precisamente me inteirei de que ocorre todo o contrario, porque o certo é que não tenho conhecimento de nenhuma absolvição real, mas sim de muitos casos de influencias pessoais. (p.158)

Artista preso pela alienação absurda. Sua obra deixa de ser uma desalienação para apenas dar forma ao abstrato do sistema.

- Este quadro é um complemento do outro _ disse o pintor. (p.163)

A representação em massa retira a aura da obra, retira sua “quintessência” (BENJAMIN:1985,168): “Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial” (Ibidem). Arte que não se objetiva em provocar reflexões sobre o mundo, mas que se adequa ao todo. Arte que se torna extensão do real.

Podemos então admitir que todos os personagens pertencem ao Poder. Por isso, Josef K. não encontra ajuda em nenhuma parte: o advogado contratado encontra-se em perfeita integração com o sistema. O padre, o representante da religião, aquilo que deveria providenciar consolo aos homens aflitos, pertence também à Lei do Poder:

_ Você é o capelão do presídio _ disse K. aproximando-se do sacerdote (p.222)

Pertença, pois ao tribunal disse o sacerdote (p.222)

Tudo se encontra assimilado. Walter Benjamin dirá que “O mundo de Kafka é um teatro do mundo. Para ele (Kafka), o homem está desde o início no

palco”.(BENJAMIN: 1987, 150.) Os personagens encenam o próprio mundo. O espanto do leitor encontra-se em ter que admitir que o universo apresentado é a realidade.

Josef K. está fora desse mundo teatro.

Diante desses personagens, Josef K. se apresenta como um burocrata sem vida. Sua experiência de mundo é estabelecida pelo que lhe é oferecido pelo banco_ jantares, e pela prostituta Elsa. A rotina do banco, a repetição de gestos, condiciona-o a pertencer ao mundo administrado. Ele é Josef, isto é, um “Zé ninguém”, apesar de ter uma posição de destaque no banco. “Zé ninguém” porque carece de uma vida interna que poderia possibilitar uma individualização.

Em seu *Teoria do Romance*, Lukács afirma que o herói dos romances modernos é aquele cuja dimensão de alma é mais vasta, ampla em contradição ao mundo, este claramente fixado como a sociedade em suas relações com as entidades individuais. Diante disso, a subjetividade desse herói em contato com o mundo geraria uma problematização por este ser menos perfeito, menos rico, menos acabado do que as realidades procedentes na interiorização do indivíduo. Assim, o homem torna-se maior que o mundo, e este por não o abarcar, cria uma tensão que possibilita a crise do personagem moderno. Há um sentimento de tédio, um desejo à passividade que impossibilita o conflito com o outro. Todas as questões, então, são resolvidas internamente, sem atribuir uma atitude ativa. O personagem reflete para não agir num ambiente menor que ele. Porém, não é possível ser heróico no mundo capitalista. Não é possível ser herói no mundo de Kafka. A auréola caiu na lama:

Ainda há pouco, quando atravessava a toda a pressa o bulevar, saltitando na lama através desse caos movediço, onde a morte surge a galope de todos os lados a um só tempo, a minha auréola, num movimento precipitado, escorregou-me da cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de apanhá-la.

(...)

Depois, alegre-me pensar que talvez algum mau poeta encontre a auréola e com ela impudentemente se adorne. (BAUDELAIRE:1980, 112)

Esse herói não pertence ao mundo apresentado. Ao ser descrito de fora, em sua “ex-centricidade” (GUNTHER,27), Kafka apresenta o fator realista. O herói, então, se determina como um anti-herói, negativo, pois seu confronto com o mundo, no qual está inserido, não lhe permite um combate, pois “ele se destaca absolutamente como “ninguém”. É o centro dos romances como o centro de um círculo: não se expande.” (GUNTHER: 1969, 27)

O herói de Kafka se assemelha_ ao antigo herói das epopéias do que ao antigo herói das tragédias gregas: ele está praticamente sozinho contra o mundo e não pode conciliar, não é capaz de estabelecer uma convivência tranqüila com os seres que o cercam, pois entre ele e tais seres se instala uma contradição radical (GUNTHER: 1969, 35)

Josef K. é um ente deslocado:

*_ Essa lei eu não conheço _ disse K.
_ Tanto pior para o senhor _ disse o guarda.
_ Ela só existe nas suas cabeças _ disse K. (...) (p.12)*

_ Isto não faz sentido. (p.18)

Ele é aquele que está fora, o que deseja se aproximar, ser incorporado, compreender. Entender o sistema como uma ordem lógica. Aquele que quer ter direito à civilização. O mundo torna-se absurdo total, porque K. não está integrado. Sujeito e mundo representam eras não sincronizadas.

Parte IV

*_ Quais gigantes? _ disse Sancho Pança.
_ Aqueles que ali vês _ respondeu o amo _ de braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas.
_ Olhe bem Vossa Mercê _ disse o escudeiro _ que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento. (...)
(Cervantes, Dom Quixote)*

Josef K. sustenta sua lógica baseado no pensamento iluminista, o qual fornecera as bases para que se pudesse erigir o Estado de direito, lugar este que assegura ao cidadão direitos e deveres, proporciona a dignidade à civilização. Assim, todos os gestos de K. são reações a comandos que geravam reações

lineares no mundo ao qual ele pertencia. Porém, neste momento, ele é um sem mundo.

Ao estender a mão ao policial, “o único gesto que a territorialidade burguesa admitiria” (LIMA:1993,113), o gesto é ignorado e o significado disso ultrapassa o nível da simples grosseria ou falta de educação por parte de um rude policial.

(...) Se os senhores têm a mesma opinião que eu, então por favor _ e se achegou à mesa do inspetor estendendo-lhe a mão. O inspetor levantou os olhos, mordiscou os lábios e fitou a mão estendida de K.; este continuou acreditando que ele iria apertá-la. Mas o inspetor se ergueu (...) (p.19)

Recusar compactuar com o gesto de Josef K. é demonstrar o descaso pelos significados que a ordem do acusado ainda acreditava vigorar. O mundo, a ordem que engendram a tudo e a todos possui uma tal expansão que o gesto de K. só pode receber o “desdém” de policiais subalternos.

Entendemos que qualquer sistema político ou de pensamentos totalitários abominam qualquer elemento que não tenha a mesma simetria. Platão exclui os poetas de sua república perfeita. A força desses sistemas encontra-se em reduzir tudo e todos em unidades homogêneas e vazias, para que o pensar de todos seja o pensar do sistema. Essa opressão, quase velada, pois esta engendrada em todas as coisas (“O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação” _DEBORD; 1997, 24), afastam-no do que existe, “a lógica da Lei (apesar de inacessível ao olhar da sociedade) não é menos lógica porque os que a comandam não são publicamente nomeáveis” (LIMA:1993,104). E essa lógica, esse poder que é tão grande e, por isso, quase invisível, não pode admitir qualquer ato desviante, pois pode ser uma ameaça à totalidade.

Isso poderia nos aproximar do motivo que levou Josef K. a ser condenado.

_ Mas eu não sou culpado _ disse K. _ É um equivoco. Como é que um ser humano pode ser culpado? Aqui somos todos seres humanos, tanto uns como outros. _ É verdade _ disse o sacerdote _ Mas é assim que os culpados costumavam falar (p.211)

A culpa de Josef K. está em crer naquilo que se tornou uma irrealidade, ganhando contornos de ficção: o Estado de direito. Mas os procedimentos judiciais não se fundam na substância pertencente ao texto legal. Assim, ele está separado da realidade do mundo. K. é um Quixote não cômico, porque sua tragicidade também pertence ao leitor que acredita na administração real do sistema judiciário.

A linearidade da crença de Josef K. e o aparato da realidade não entram em choque, porque somente K. sofre esse impacto. Os valores da personagem são anacrônicos. K. sofre um processo pois mostra em si, o fictício que se tornou o Estado de direito. K. pode ser pensado como um elemento do passado, uma figura triste e deslocada num mundo que não é mais o seu. E como D. Quixote deve morrer por esse mesmo mundo que o observa, e ri por considerá-lo louco. Porém, Josef K. sabe que loucura é todos viverem dessa maneira. Todavia, a verdade não está ao lado de K.. A busca dele à substância da Lei é nula, pois a natureza pertencente ao processo é incerta.

Josef K. então é o impotente. E sua impotência é concretizada pela desinformação. Por não ter direitos, pois não pertence a essa lógica, não é digno de estar ciente do que se passa sobre sua vida civil dentro do olhar do Poder. “O 'não se pode saber' repousa no 'não se tem nenhuma reivindicação ao conhecimento'” (GUNTHER: 1969, 54). Sem informação o tesouro desse século é impotente.

O herói de Kafka não possui a incerteza se irá vencer. Ele sabe que não vai vencer. Não há a possibilidade de lutar. A sociedade tomou forma e se metamorfoseou num enorme monstro que irá devorá-lo. Estar condenado antes de ser julgado, antes de iniciar o livro é o prêmio por acreditar em mentiras.

“A única coisa que posso fazer agora”, disse para si mesmo, e a regularidade de seus passos e dos passos dos outros dois confirmava seus pensamentos, “a única coisa que posso fazer agora é conservar até o fim um discernimento tranquilo.(...)” (p.225)

Parte V

Leite negro da aurora nós bebemos à tarde
Nós bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos à noite

Bebemos e bebemos
Cavamos uma cova grande nos ares onde não se deita ruim
(Paul Celan, "Fuga sobre a Morte".)

Não há nada que possa classificar a prosa de Franz Kafka como insana. Ao mostrar o aparato do mundo altamente burocratizado, revela a esfera do impensável, mostra indivíduos torturados em suas mentes ao integrarem um mundo impessoal. Ser integrado a essa realidade é desumano, a ponto de banalizar a tragédia do mal.

Kafka é um realista de um mundo totalmente desumanizado. O absurdo se concretiza como vida, a diminuição de suas vidas por uma não-vida através de um sistema que a degeneram. Estar misturadas ao mecanismo do Poder é a única normalidade, é ser marionetes de uma força ausente da cena. O homem perdeu o sentido, não a vida:

Não saber o que ocorre, não ter possibilidade de um esclarecimento público, ou seja, não ter direitos é apresentar a barbárie. Ser julgado e condenado são marcas da própria desordem de um mundo sem as leis civilizatórias. O indivíduo sem proteção é invadido em sua privacidade, preso sem ter uma acusação real para tal atitude. Sua identidade, o símbolo palpável de sua civilidade, é desconsiderada. A lógica liberal do cidadão não podia imaginar que a crença no Estado de direito, a lei do indivíduo, poderia ser derrotada pelos direitos da sociedade. O bem-estar do cidadão gerava um bem-estar social. Porém, essa regra se desmancha, não pode ser sustentada diante de um poder que é invisível e presente ao mesmo tempo.

Josef K. se encontra num mundo organizado em barbárie. Por não pertencer a ele, deve ser morto. Os parâmetros da civilização perderam a configuração a ponto de um cidadão ser morto como um cão pelas mãos de tenores. Como admitir que a cultura esteja vinculada à barbárie?

O Processo, de Franz Kafka, não pode ser admitido como um livro de profecias, mas se tornou a culminação do que chegou a barbárie, o fim da humanidade. Em anos posteriores, essa culminação terá o nome de Nazismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADORNO, T.W. "Anotações sobre Kafka." In: *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.
- ANDERS, Gunther. *Kafka: pró e contra*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. "Perda de Auréola." In: *Pequenos Poemas em Prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIN, Walter. "Franz Kafka: A propósito do décimo aniversário da sua morte." In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica." In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DÉBORD, Guy. *Sociedade do Espetáculo*. Trad. Estela Santos Abreu. São Paulo: Contraponto, 1997.
- LIMA, Luis Costa. *Limites da Voz: Kafka..* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- LUKÁCS, George. *Teoria do Romance*. Lisboa: Editorial Presença, 1973.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- KONDER, Leandro. *Kafka. Vida e Obra*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Álvaro, Editor S.A, 1967.
- SILVA, Idalina Azevedo da. "Sem Pedras no caminho: uma leitura do real e do fantástico na obra de Franz Kafka." In: *A Crise da Leitura*. Revista Letra. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.